

Sobre os laços de família na transição de gênero

Resenha do livro: NOVO, Arthur Leonardo Costa. *Famílias em transição: uma etnografia sobre relacionalidade, gênero e identidade nas vidas trans*. 2021. 416f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

Alef de Oliveira Lima

Secretaria de Educação do Estado do Ceará
aleflimaufgrs@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-7390-3679>

Arthur Leonardo da Costa Novo é doutor em Antropologia Social, com mestrado na mesma área¹. Sua obra produz uma abertura de reflexão ao assumir enquanto temática a transição de gênero que o atravessa em termos etnográficos, sociais, biográficos e políticos. Resenhei sua tese, composta por 416 folhas, defendida em 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A tese é organizada em sete capítulos distintos entre si, mas que conservam uma complementariedade. Novo coloca em prática algo que parece difícil aos etnógrafos/as de qualquer tradição analítica, um quê de complexidade familiar ou um estranhamento de proximidade. O autor analisa como ponto de partida de seu tema/objeto a construção das agruras de seu *self* e faz isso sem cair no solipsismo do Eu. Sua etnografia se movimenta, transborda da vivência particular à experiência coletiva de

¹ Um detalhe talvez menos importante para alguns, contudo, de relevância para pautar a resistência da comunidade Trans, é que Novo é um homem Trans e sua biografia entrelaça-se ao objeto geral da tese, seja como gatilho de reflexão ou como dimensão proposital para teorização antropológica do *self* do pesquisador. A questão para mim, ao resenhar a sua tese, foi perceber a articulação bem-feita entre o Eu e o Outro em uma análise etnográfica que poucos alçariam.

uma existencialidade Trans². Sua escrita é potente, detalhista e nos permite adentrar numa trama intrincada de afeto, moralidades, individualidades e dinâmicas familiares, aquém do imaginado por um senso comum douto (BOURDIEU, 2004) e além de um mero relato de si.

Sua pergunta de partida, de modo sintético é: as famílias de Pessoas Trans também transicionam? Transicionar aparece na escrita da tese de maneira bastante incisiva, cujos significados assumem escalas e contextos diferentes e até inapreensíveis. O verbo de transição, o ato de transicionar, incorpora nas palavras de Novo um grau de significante flutuante (se permite aqui uma paráfrase a Jacques Marie Émile Lacan). É significante porque enraíza o vocábulo na etnografia. Transicionar é categoria êmica e flutuante porque corresponde as necessidades e as significações particulares, que pode ser: o gênero, a família, a relação de parentesco, a identidade ou a diferença. Novo, em sua tese, possibilita que enxerguemos a transição de gênero como evento social de ressonância sobre os arranjos familiares - Transicionar rearranja as relações. Essas relacionalidades, por sua vez, sintetizam modos de construção de identidades, fios condutores de afeto, moralidades e outros enfrentamentos certamente amplos que vão sendo compostos nos cotidianos familiares.

É na introdução que entendemos quem é o autor. O seu relato biográfico inaugural mostra as motivações para trabalhar com aquela temática. É possível perceber uma familiaridade da trajetória do autor e sua pesquisa como algo vivido, intenso e que fornece, sem grandes percalços, uma apresentação geral de sua empreitada intelectual. Na introdução são descritos os meandros de sua escolha e universo de pesquisa, assim como as justificativas por quais delineiam-se seu trabalho e sua linguagem. Também somos apresentados sucintamente aos capítulos e as suas motivações de escrita.

No primeiro capítulo, intitulado “No mundo social da transexualidade”, encontramos a particularização do campo do etnógrafo. Seus aportes metodológicos são desenvolvidos nesse capítulo e ele consegue explicitar que, ao escrever acerca da transexualidade enquanto tema de pesquisa antropológico, inscreve-se sobre um conjunto de condições sociais, históricas e institucionais que singularizam os/as sujeitos/sujeitas de sua etnografia. É difícil em alguns momentos acompanhar o raciocínio entre as figuras históricas que subsistem dentro do que poderíamos nomear como uma História Trans Brasileira e os universos de pesquisa caracterizados por Novo. Entre eles estão o

² O termo Trans utilizado no maiúsculo faz referência a uma identidade social e política da comunidade Trans.

Ambulatório Trans de João Pessoa, Paraíba e o movimento (e organização) de Mães pela Diversidade. De todo modo, nessa contextualização, passamos a compreender os detalhes da pesquisa.

Em seu segundo capítulo chamado “Um assunto de Família”, o etnógrafo demonstra como a transexualidade tornou-se uma questão pública. Através da análise de reportagens, recortes históricos e dos usos dos discursos de diferentes áreas do conhecimento, da medicina à psicanálise, observa-se a temática da transgeneridade mobilizando distintos contextos morais. Um dos pontos mais enfáticos é o caso das crianças trans. Segundo Novo, é necessário perspectivar a transexualidade não como um paralelo de experiências de generificação das infâncias, mas situar a existência de um espectro de gênero que, ao tangenciar a infância, evoca fortemente a participação ativa dos sujeitos familiares. Nesse capítulo, em específico, o autor desdobra o modo como o discurso midiático traduz, sensibiliza ou patologiza as identidades trans de maneira a criar um estado social de alerta. Muito desse alerta confunde-se com a construção de um pânico moral³ agenciado como polêmica e/ou controvérsia politicamente viável a setores de cunho conservador.

Os debates narrados por Novo podem ser contextualizados na chave de mudanças políticas intensificadas recentemente por uma onda de transfobia pública que elegeu estrategicamente as Pessoas Trans como bode expiatório para a expansão de votos e consolidação de uma direita ideológica no Brasil contemporâneo (DEMIER; HOEVELER, 2016). Dito de outro modo, o atual contexto sócio-histórico da sociedade brasileira passou a apresentar tendências políticas de um revanchismo, machismo e preconceito de gênero aliados a uma configuração de personalidades políticas como o clã Bolsonaro ou outra série de atores sociais de influencers de mídia massificada até pastores das principais congregações religiosas. Esse processo recorreu as narrativas sensacionalistas no campo das redes sociais — *Facebook, WhatsApp, Telegram* — tendo, não por acaso, a transgeneridade na forma de pauta moral. Esse aspecto é explorado por Novo justamente quando analisa a incidência dos imaginários de gênero nas moralidades⁴.

³ A literatura sobre a conceituação de pânico moral é ampla e assume diferentes significações. Utilizo o termo para dar um sentido político ao modo que certos debates públicos são consumidos enquanto controvérsias pouco qualificadas e informativas sobre os fenômenos sociais, nesse caso, a própria noção transição de gênero.

⁴ É importante apontar que Novo referencia esses imaginários como dimensões próprias da vida pública da sociedade, portanto, ao abordá-los na tese em forma de contextos discursivos que performam imagens de gênero e das experiências da transgeneridade, o autor recorre a aspectos estruturais. Fala-se aqui de

No capítulo três, “Crianças trans”, são expostas questões relativas à aceitação e ao fenômeno das infâncias não-conformes ao binarismo de gênero. Novo pontua como as perspectivas e contextos mobilizados entorno das compreensões e percepções sociais informam e definem, em certa medida, o modo como as crianças originam e são “originadas” por discursos especializados que atestam ou não uma existência. No decorrer do texto, a etnografia de Novo mostra a insuficiência da mediação médica e psicológica no que diz respeito a fazer valer direitos e formas de acolhimento que promovam o reconhecimento da agência de filhos e filhas trans. Ao mostrar como diferentes mães lutaram e conceberam suas relações de maternidade com seus filhos trans situados nas tramas familiares de conflitos morais, ele acrescenta a necessidade de pensar a família enquanto local de facilitação e forma de crítica cultural ao discurso medicalizante constantemente visível nos debates públicos.

Em seu capítulo de número quatro intitulado “Transições em Família”, Novo desenvolve a aceitação como categoria discursiva que engloba relações, e, ao mesmo tempo, as produz. Aceitar, na vida de mães de mulheres trans, incorpora um processo de “refazer” o mundo e o parentesco. Assim, se liga a um contexto de junção de significados: a mãe, a ativista, a esposa. O parentesco aparece na forma de uma imbricação na própria fabricação e legitimação de uma identidade que ressalta modos de reconhecimento social que endossam o aspecto público de uma transexualidade acolhida. De certo, nesse capítulo o parentesco deixa de ser visto como um sistema externo de trocas/relações/dádivas de herança e consanguinidade e é mostrado no escopo dos processos de subjetivação de relações construtoras dessas mesmas trocas/relações/dádivas.

Seguindo a pista aberta, no quinto capítulo, somos apresentados a análise das entrevistas e narrativas de, pelo menos cinco, interlocutores/as. Cada narrativa compõe-se no terreno da memória, já que a procura do etnógrafo é situar a construção da identidade em um percurso de imagem, lembranças e esquecimentos. Novo repensa os processos de subjetivação e a memória tensionada nas produções biográficas, simultaneamente, ele problematiza os dispositivos e técnicas de poder biomédicos entranhados nas definições difundidas sobre o que é “ser um transexual verdadeiro”. Ao etnografar espaços de escuta, ele também percebe que as histórias de vida adensam a interpretação etnográfica e por isso mediam uma “sociologia espontânea” — o grupo de convivência do centro LGBTT que acompanha em João Pessoa/PB potencializa tal

imaginários das camadas médias, homens e mulheres cis e brancos, possuidores de alguma estabilidade financeira e também de setores sociais com maior nível de renda.

empreitada metodológica. Acabamos, nesse capítulo, nos sentindo comovidos por memórias em disputa que arregimentam os processos de transição familiar dos/as colaboradores/as do antropólogo.

No sexto capítulo, “Memória, gênero e as substâncias de relacionalidade” vemos a precisão do trabalho etnográfico de Novo ao propor uma torção em sua análise, reconhecendo um conjunto de condições históricas, sociais e políticas rearranjadas em termos de gênero. Nesse ponto, existe uma descrição densa (GEERTZ, 2001) que se verifica na incorporação de personagens, histórias e biografias que adensam uma espécie de recepção do tema, de como a transgeneridade apresenta-se no interior da vida familiar. Logo, o objetivo fulcral da análise torna-se as memórias das mães⁵. Os gestos que conservam o “antes” da transição como quadro admirado na parede, a escolha do nome, as fotografias que Novo observa junto as entrevistas e que se constituem como retratações de memórias muito além de uma idealização. Mas, que constituem substancialidades do parentesco. Essas percepções estão presentes nos depoimentos maternos, porém não se tornam uma nuvem de ressentimento ou de eliminação das expectativas de gênero sub-repticiamente acalentadas pelas mães ou pelas famílias no geral. Na realidade serão aos poucos ressignificadas e utilizadas na forma de elementos de resistência — o amor materno toma a forma de laço politicamente situado e a transição das mães começa aí, no lugar da memória dos/das filhos, um evento de coprodução de novos sentidos aos seus afetos.

Mas, o autor pergunta nas entrelinhas da escrita etnográfica, o que resta do “Antes da transição”? Como as famílias, em particular, as mães, realizam o luto? Elas rezam de modo melancólico ao que um dia se foi. Aquilo que a filósofa política, Judith Butler, nomeou como melancolia do gênero. Este é um aspecto próprio dos modos de subjetivação das identidades de gênero. Para Butler (2003) isso significa que a noção de gênero utilizada e vivenciada opera na forma de um mecanismo fantasma, herdado e por isso, melancólico, já que se incorpora nas identidades, restos, rastros, culpas e vergonhas que se conformam ao Eu generificado. Ao tornar prece, um luto por aquilo que não é mais como antes, as mães geram aceitação e dádiva de parentesco.

Subsiste um processo profundo de desvencilhar e realinhar sentimentos a fim de garantir um amor incondicional capaz de ultrapassar a norma. Mais do que afetivo, é

⁵ É evidente que outros parentes se colocam. O autor aponta, no entanto, que existe uma dimensão de ativismo materno. Pai, tio, tia, primos, sobrinhos e irmãos inscrevem-se na questão da transgeneridade e possibilitam que novas configurações afetivas apareçam.

construído um amor existencialista por seus filhos e filhas trans. Aqui o parentesco⁶ mescla-se de herança, lembrança, luto, afeto e imaginários dentro dos sistemas de sexo-gênero (RUBIN, 2011). O trabalho etnográfico logo assume um ponto de deslocamento ao revisar e recompor as narrativas de mães e filhos/filhas na forma de algo não-dito por completo. Quase um ponto de silêncio em meio aos processos de reposicionamento dos sentimentos, como se o espaço da família relançasse uma interdição: a transição requer um trabalho temporal nas emoções, ao mesmo tempo, exige a abertura à politização ética das expectativas que mães e filhos, filhas e mães, põem sobre suas relações.

O autor avança em seu último capítulo ao narrar o contexto político e social de 2018 e demonstrar a forma como a política partidária “desce” ao íntimo e causa rupturas, avalanches de medo e disputas de narrativas entorno do caráter, da moralidade e da religiosidade. O afã conservador no Brasil bolsonarista deixou um saldo de divisões que emergem nas tramas familiares dos/as interlocutores de Novo e impactam a manutenção das lógicas de afeto. Esse processo é tomado por distintas camadas na interpretação antropológica que considera os enlaces religiosos, a fé e as idealizações da família como espaço do lar, da familiaridade, mediado por um padrão normativo e esperado como lembrança de um modelo a ser seguido. São as lógicas normativas que enviesam experiências emocionais tanto quanto o agenciamento político das emoções em contexto de “guerras culturais”. Ao examinar, nesse último capítulo as “Políticas de família”, o que presenciamos, do ponto de vista da narrativa de Novo, é a inclusão de uma nova pergunta: o que são as famílias em cenários políticos de opressão?

Logo, nessa nova ótica da etnografia, a família é problematizada em termos políticos e sociais, tornando-se estratégica para as minorias de gênero que, por um lado, potencializam e visibilizam a urgência ontológica de suas existências e, por outro, questionam a normatização da família idealizada. O adensamento analítico da tese vai ganhar uma consistência ainda maior, pontuando histórias de vida conectadas às conjunturas políticas, memórias que se camuflam em relações de afeto e resistência, potências femininas que inscrevem modos de rejeição a cisnormatividade ou mesmo reelaboram enfrentamentos éticos aos imaginários sociais. Há um potencial próprio na

⁶ É necessário apontar que a abordagem de Janet Carsten (2014) não apresenta a ideia de substância de parentesco como algo literal, seja o sangue, o leite, os gametas, o DNA ou a saliva. A autora aponta que o termo substância (no sentido etimológico da língua inglesa) serve para adensar e descrever transformações, condicionamentos e mutualidades que o parentesco enquanto fenômeno social apresenta nas mais diferentes culturas. Por esse motivo, o parentesco no trabalho de Novo é remitido a própria potencialidade das resistências políticas e emocionais.

etnografia de Novo, pois é coerente considerar o objetivo geral de sua escrita ao trançar relações entre um Brasil conversador em avanço nos últimos anos e as resistências abrigadas nos arranjos de parentesco, acolhimento e afetos próprios das lógicas familiares.

É uma etnografia sem igual, detalhista e agradável de ler, sensível com os interlocutores/as, possui uma rigorosidade antropológica destacada no enredo etnográfico que mistura personagens históricos, eventos recentes, desdobramentos sociais e cenários de disputa moral com as demandas de reconhecimento das Pessoas Trans em suas redes familiares. Trata-se de uma tese de amplitude, boa para compreender dinâmicas sociais que são frequentemente subsumidas em meio a polêmicas estereis. Essas polêmicas funcionam enquanto controvérsias que enviesam as questões de gênero de modo a torná-las áridas e politicamente custosas. A tese de Novo traz um vigor diferente principalmente quando falamos do tema da transgeneridade dentro do país que mais mata Pessoas Trans (NASCIMENTO, 2021) no mundo. Pensar as famílias pela chave política das relações de gênero torna o trabalho etnográfico de Novo hábil, sincero e contemporâneo.

Referências

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex. In: RUBIN, Gayle. *Deviations. A Gayle Rubin Reader*. Durham: Duke University Press, 2011. p. 33–65.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: UNESP, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. *Revista de Antropologia da UFSCar*, v. 6, n. 2, p. 103–118, 2014.

DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane. *A onda conservadora: ensaio sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

Recebido em 8 de março de 2023.

Aceito em 26 de julho de 2023.